



FOLHETIM DE GEOGRAFIAS AGRÁRIAS DO SUL

Revista Mutirão

ISSN: 2675-3472



Contribuições de Paulo Freire para o ensino de Geografia no contexto da educação de jovens e adultos no campo

Júlio Feitoza de Oliveira ^I , Leônidas de Santana Marques ^{II} 

^I Campus do Sertão, Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia, AL, Brasil

^{II} Campus do Sertão, Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia, AL, Brasil

RESUMO

O objetivo geral deste trabalho é refletir sobre a pedagogia freiriana no contexto da prática de ensino de Geografia em contextos rurais, ressaltando sua proposta como uma pedagogia libertadora e revolucionária. Freire acredita que a educação é a mediadora essencial do processo emancipatório do ser, sendo esta através de uma contextualização. No ensino da Geografia, em paralelo com os conceitos geográficos, em especial o Lugar, e a relação docente x discente, temos a chave para esta noção de libertação. Através desta análise do lugar, em vivência do cotidiano local, bem como da realidade que circunda os povos e comunidades do campo brasileiro, o ser pode vir a emancipar suas ideias, a partir de uma perspectiva crítica, de modo a entender quais fatores corroboram para o mundo vivenciado de quem ali vive. O espaço vivido, embasado no empirismo dialético passa então a ser instrumento a ser observado, para que esse como objeto de estudo permita o aluno, com apoio mediatizado do professor, possa entender a realidade que o cerca. Do ponto de vista metodológico, este texto é ainda uma reflexão introdutória sobre a relação entre Pedagogia Libertadora, Educação do Campo, Prática de Ensino de Geografia e Educação de Jovens e Adultos. Trata-se propriamente de algumas considerações teóricas que ainda estão em desenvolvimento. De um modo geral, é possível afirmar que a perspectiva libertadora de Paulo Freire apresenta uma grande potencialidade para a prática de ensino de Geografia em contextos camponeses, com destaque para a EJA. Isso, contudo, não pode ser dissociado de outras importantes dimensões dos estudos voltados para a prática de ensino contextualizada no campo, tais como a Pedagogia Socialista (ou do Trabalho) e a Pedagogia da Alternância.

Palavras-chaves: educação de jovens e adultos; ensino de geografia; pedagogia do oprimido.

Paulo Freire's contributions to the teaching of Geography in the context of youth and adult education in rural areas

ABSTRACT

The main objective of this work is to reflect on Freire's pedagogy in the context of the practice of teaching Geography in rural contexts, emphasizing its proposal as a revolutionary pedagogy. Freire believes that education is the essential mediator of the emancipatory process of being, which is through contextualization. In the teaching of Geography, in parallel with geographical concepts, especially Place, and the teacher x student

relationship, we have the key to this notion of liberation. Through this analysis of the place, experiencing the local daily life, as well as the reality that surrounds the peoples and communities of the Brazilian rural, the being can come to emancipate his ideas, from a critical perspective, in order to understand which factors corroborate to the experienced world of those who live there. The lived space, based on dialectical empiricism, then becomes an instrument to be observed, so that this as an object of study allows the student, with mediated support from the teacher, to understand the reality that surrounds him. From a methodological point of view, this text is also an introductory reflection on the relationship between Liberating Pedagogy, Peasant Education, Geography Teaching Practice and Youth and Adult Education. These are, in fact, some theoretical considerations that are still under development. In general, it is possible to state that Paulo Freire's liberating perspective has great potential for the practice of teaching Geography in rural contexts, with emphasis on EJA. This, however, cannot be dissociated from other important dimensions of studies focused on contextualized teaching practice in the field, such as Socialist Pedagogy and Alternation Pedagogy.

Keywords: youth and adult education; geography teaching; pedagogy of the oppressed.

Aportes de Paulo Freire a la enseñanza de la Geografía en el contexto de la educación de jóvenes y adultos en el campo

RESUMEN

El objetivo general de este trabajo es reflexionar sobre la pedagogía de Freire en el contexto de la práctica de la enseñanza de la Geografía en contextos rurales, enfatizando su propuesta como pedagogía liberadora y revolucionaria. Freire cree que la educación es la mediadora esencial del proceso emancipador del ser, que es a través de la contextualización. En la enseñanza de la Geografía, en paralelo a los conceptos geográficos, especialmente Lugar, y la relación profesor x alumno, tenemos la clave de esta noción de liberación. A través de este análisis del lugar, experimentando el cotidiano local, así como la realidad que rodea a los pueblos y comunidades del interior brasileño, el ser puede llegar a emancipar sus ideas, desde una perspectiva crítica, para comprender qué factores corroboran al mundo experimentado de los que viven allí. El espacio vivido, basado en el empirismo dialéctico, se convierte entonces en un instrumento para ser observado, de modo que este como objeto de estudio le permita al alumno, con el apoyo mediado del docente, comprender la realidad que lo rodea. Desde un punto de vista metodológico, este texto es también una reflexión introductoria sobre la relación entre Pedagogía Liberadora, Educación Campesina, Práctica Docente de Geografía y Educación de Jóvenes y Adultos. Estas son, de hecho, algunas consideraciones teóricas que aún están en desarrollo. En general, es posible afirmar que la perspectiva liberadora de Paulo Freire tiene gran potencial para la práctica de la enseñanza de la Geografía en contextos rurales, con énfasis en la EJA. Esto, sin embargo, no puede desvincularse de otras dimensiones importantes de los estudios centrados en la práctica docente contextualizada en el campo, como la Pedagogía Socialista (o del Trabajo) y la Pedagogía de la Alternancia.

Palabras clave: educación de jóvenes y adultos; enseñanza de la geografía; pedagogía del oprimido.

INTRODUÇÃO

Esse trabalho volta-se para uma reflexão sobre a pedagogia freiriana no contexto da prática de ensino de Geografia em contextos rurais, ressaltando sua proposta, como uma pedagogia libertadora e revolucionária. Freire acredita que a educação é a mediadora essencial do processo emancipatório do ser, sendo esta através de uma contextualização. No ensino da Geografia, em paralelo com os conceitos geográficos, em especial o Lugar, e a relação docente x discente, temos a chave para esta noção de libertação.

Através desta análise do lugar, em vivência do cotidiano local, bem como da realidade que circunda os povos e comunidades do campo brasileiro, o ser pode vir a emancipar suas ideias, a partir de uma perspectiva crítica, de modo a entender quais fatores corroboram para o mundo vivenciado de quem ali vive. O espaço vivido, embasado no empirismo dialético passa então a ser instrumento a ser observado, para que esse como objeto de estudo permita o aluno, com apoio mediatizado do professor, possa entender a realidade que o cerca.

Em linhas gerais, este trabalho é resultado das primeiras reflexões de uma investigação que busca se aprofundar em possíveis práticas de ensino de Geografia em turmas de Educação de Jovens e Adultos na comunidade rural do Alto dos Coelhos, município de Água Branca, sertão de Alagoas. Para este texto, nosso foco se voltou apenas para alguns apontamentos acerca das bases pedagógicas da prática de ensino da Educação do Campo, destacando dentre elas a Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire. Em um primeiro momento, o texto aborda as bases pedagógicas como um todo, apontando para as relações entre Educação do Campo, Pedagogia Socialista, Pedagogia da Alternância e Pedagogia do Oprimido. Em um segundo momento, o texto se volta para a particularidade da Pedagogia do Oprimido em sua relação com o ensino de Geografia e a EJA.

1. Bases pedagógicas da Educação do Campo e sua relação com a prática de ensino

Em linhas gerais, podemos argumentar que existem três pilares fundamentais para as práticas de ensino em escolas do campo: a) a pedagogia da alternância; b) a pedagogia socialista; e c) a pedagogia libertadora de Paulo Freire.

A pedagogia da alternância chegou ao Brasil por volta da década de 1970. A base para a chegada desta concepção pedagógica foi o movimento das *Maisons Familiales Rurales*, surgido em 1935 na França, mediante a iniciativa de agricultores locais junto ao Padre Granereau, pároco de uma igreja comunitária (CAVALCANTI, 2007). Sobre a concepção da alternância pedagógica, especificamente partindo de experiências no ambiente universitário, Molina e Antunes-Rocha (2014, p. 230) argumentam que

A organização curricular em regime de alternância, composta por períodos de aprendizagem integrados entre Tempo Escola, nas Universidades públicas e Tempo Comunidade, que ocorre nas áreas rurais de origem destes educandos, objetiva não só evitar que o ingresso de jovens e adultos na educação superior reforce a alternativa de deixar de viver no campo, bem como objetiva promover a articulação entre educação e a realidade específica destas populações, possibilitando uma leitura crítica que, a partir dessa realidade, seja capaz de perceber as determinações sociais que assim a produzem, considerando a totalidade maior que a contém.

Assim, é possível perceber que a concepção da Educação do Campo acontece de forma integrada entre espaço vivido e teoria, e não apenas dentro da sala de aula. E na Educação do Campo o diálogo entre a teoria pedagógica e a prática são de grande importância para a construção de sujeitos emancipados a partir das lutas e resistências.

No sentido daquilo que temos argumentado anteriormente, esse diálogo se dá associado a uma compreensão da educação enquanto formação humana. Em linhas gerais, este pilar da Educação do Campo tem sido identificado como Pedagogia Socialista. Assim, são fundamentos para a Educação do Campo os vínculos que se estabelecem entre educação e trabalho, educação e produção, e educação e cultura, como colocado por Caldart (2009, p. 42),

Refiro-me como pilares ao vínculo entre educação e trabalho, (não como “preparação para” da pedagogia liberal, mas como “formação desde” da pedagogia socialista), à centralidade dada à relação entre educação e produção (“nos mesmos processos que produzimos nos produzimos como ser humano”), ao vínculo entre educação e cultura, educação e valores éticos; entre conhecimento e emancipação intelectual, social, política (conscientização). Trata-se, afinal, de recolocar para discussão da pedagogia a concepção da práxis como princípio educativo.

Considerando aquilo que é colocado pela autora, percebemos que a perspectiva de formação humana que deve pautar a Educação do Campo considera a omnilateralidade do sujeito social. E na constituição desta condição, pensar sobre a mediação do trabalho é indispensável. Neste sentido, não são poucas as instituições, vinculadas ou não aos movimentos sociais de luta pela terra, que têm defendido uma Educação do Campo que tenha como centralidade a relação entre educação e trabalho.

Dentro do contexto histórico abordado, pensar a educação do e no campo a partir da sua singularidade requer problematizar todo tipo de formação didático-pedagógica. É fundamental entender o perfil dos profissionais que atuam em escolas do meio rural e, a partir disso, trazer reflexões sobre suas práticas, como também problematizar com os futuros professores em formação inicial. Entendemos que é essencial no processo de formação docente esse contato com a escola, o que possibilita refletir sua potencial prática dentro da realidade de cada comunidade, trazendo para o campo uma educação que desconstrua a visão de desvalorização, tendo o papel de reforçar a identidade camponesa e possibilitando uma educação voltada para os valores culturais e sociais de cada realidade singular.

Um terceiro pilar estruturante para pensar a Educação do Campo e suas correlatas práticas de ensino é a centralidade do legado de Paulo Freire nesta concepção educacional. Como apontado por Paula e Barbosa (2021, p. 5), a leitura freireana “[...] de educação e de

formação humana transcendeu décadas e teorias pedagógicas, e, assim, tornou-se uma das bases da Educação do Campo. [...]”. De um modo geral, este pilar é compreendido como a pedagogia libertadora, que tem se estabelecido principalmente a partir da leitura crítica que Freire fez em relação à ação-reflexão no processo educativo.

Sendo os homens seres em "situação", se encontram enraizados em condições tempo-espaciais que os marcam e a que eles igualmente marcam. Sua tendência é refletir sobre sua própria situacionalidade na medida em que, desafiados por ela, agem sobre ela. Esta reflexão implica, por isto mesmo, em algo mais que estar em situacionalidade, que é a sua posição fundamental. Os homens são porque estão em situação. E serão tanto mais quanto não só pensem criticamente sobre sua forma de estar, mas criticamente atuem sobre a situação em que estão. (FREIRE, 1974, p. 119)

Esta compreensão do autor sobre a relação que os seres humanos têm com a sua situacionalidade é uma base importante para pensarmos não só a Educação do Campo, mas toda e qualquer prática de ensino que se propõe contextualizada. A prática de ensino que tenta fazer da realidade concreta o combustível para os processos de aprendizagem deve necessariamente considerar a relação entre ação e reflexão, como bem indicado em todo o legado de Freire. Assim, tanto a noção de diálogo quanto a de práxis se tornam estruturantes na leitura crítica sobre o como ensinar em escolas do e no campo que dialogam com a concepção da Educação do Campo.

Um outro ponto importante, desta vez levantando por Werlang e Pereira (2021), é a questão da autonomia, categoria muito cara para o pensamento de Freire, bem como para a Educação do Campo e para o debate em Educação em Ciência-Tecnologia-Sociedade (CTS). Assim, a prática de ensino em escolas do campo deve estar assentada na necessidade de uma formação humana que contribua para a emancipação de cada um envolvido, em um processo que, contudo, é eminentemente social.

Com esses três pilares (a pedagogia da alternância, a pedagogia socialista e a pedagogia libertadora), é possível perceber o quão complexo são os fundamentos da Educação do Campo e conseqüentemente o quão desafiador deve ser a problematização sobre a relação entre formação de professores e práticas de ensino em escolas no campo. Para finalizar esta seção, tratemos sobre alguns pontos que são importantes para entender as contribuições da Educação do Campo no sentido de uma leitura crítico-reflexiva da prática de ensino.

Sobre uma prática docente propriamente problematizadora/transformadora, Souza e Santos analisam os meandros do ensino em escolas multisseriadas no campo no estado do Paraná. Segundo as autoras, do ponto de vista conceitual, essa prática deve ser

[...] o resultado da interação entre teoria e prática. Encontra-se baseada na prática social como definidora da ação do professor com os seus alunos. Compreende a realidade vivida e tenta produzir outra realidade material e humana. Configura-se como uma prática criadora. O conhecimento não é visto como algo estático, podendo ser questionado. O saber é produzido conjuntamente e a relação entre professor-aluno é horizontal, não havendo ações autoritárias no processo de ensino-aprendizagem, embora não seja ignorada a diferença de formação e de saberes entre eles. (SOUZA; SANTOS, 2007, p. 217)

Assim, um primeiro ponto que deve ser indicado é que, por concepção, no debate da Educação do Campo não cabem soluções prescritivas formuladas de modo alijado das comunidades rurais. Dito de outro modo, não é possível pensar em saídas ou sugestões de prática de ensino desde o espaço acadêmico que desconsiderem o chão da escola em sua prática social. Desta forma, a Educação do Campo parte de um horizonte que é necessariamente de interação entre teoria e prática, entre docência e discência, entre ensino, aprendizagem, conteúdo e contexto. Qualquer forma de leitura a priori da prática escolar é um modo de se afastar da concepção da Educação do Campo.

Ademais, e como último argumento que nos parece indispensável para uma reflexão sobre a prática de ensino em escolas do campo, temos aquilo que Caldart (2009) menciona como a Educação do Campo estando sobre um “fio de navalha”, reflexão apontada anteriormente. Entre os dois lados da navalha temos: a) a particularidade da realidade camponesa e a necessária construção de práticas pedagógicas contextualizadas; e b) a universalidade da formação humana que é o processo de escolarização, o que implica que a contextualização não deve transformar a Educação do Campo em algo que gere sujeitos alheios a um projeto maior, que é de sociedade. Assim, todas as práticas de ensino e recursos didático pensados para as escolas do campo devem ter como horizonte esta condição *sui generis*, abarcando uma universalidade que não anule as particularidades das diversas realidades educacionais.

2. Freire, o ensino de Geografia e o contexto da EJA

Sem desconsiderar as várias facetas do intelectual que foi/é Paulo Freire, neste trabalho abordamos especificamente sua pedagogia libertadora em uma breve tentativa de aproximação com a prática de ensino de Geografia. Para tanto, levamos em consideração as várias dimensões desta questão didático-pedagógica, por vezes reconhecida como “método Paulo Freire”, Pedagogia do Oprimido ou ainda Pedagogia da Autonomia. Do ponto de vista metodológico, este texto é ainda uma reflexão introdutória sobre a relação entre Pedagogia Libertadora, Educação do Campo, Prática de Ensino de Geografia e Educação de Jovens e

Adultos. Reiteramos que se trata propriamente de algumas considerações teóricas que ainda estão em desenvolvimento.

A perspectiva freiriana se mostra como uma verdadeira arma revolucionária em prol da educação, a qual prega uma concepção singular da relação professor-aluno, não somente como algo intrínseco à transferência de saberes, mas uma relação de partilha e soma para as duas partes. O próprio Freire (1996, p. 12) indica que quem “ensina aprende ao ensinar, e quem aprende, ensina ao aprender”. No ensino da Geografia no campo, a pedagogia de Freire se entrelaça com as demandas sociais, das quais urge a necessidade de intervenções transformadoras, a partir da práxis da ação-reflexão, reforçando a importância de um ensino voltado, a priori, para a realidade vivida dos discentes, mediada pelo docente.

Sobre o ensino de Geografia no campo, especificamente para a educação de jovens e adultos no meio rural, a Pedagogia do Oprimido e o conceito de lugar são instrumentos para a construção social dos sujeitos com o desenvolvimento do pensamento crítico. Entendemos que a melhor forma de levar os sujeitos à percepção de seu mundo concreto passa pela percepção de sua realidade, enquanto camponês, que subsiste através do seu trabalho como os pequenos agricultores, com distintas realidades e frente a enormes desafios cotidianos.

Especificamente sobre a questão da prática de ensino de Geografia em sua relação com a Educação de Jovens e Adultos, concordamos com Enio Serra quando afirma que

A partir desse entendimento, a EJA é aqui considerada como garantidora do direito de milhões de jovens e adultos trabalhadores à educação escolar respeitando-se e considerando-se suas necessidades enquanto sujeitos cuja condição de trabalhadores impõe outros modos de proceder as políticas públicas e o trabalho pedagógico. E, nesse contexto da EJA, a Educação Geográfica é convocada a refletir sobre suas bases e fundamentos para que se possa fazer valer o direito desses trabalhadores que estudam e buscam o alcance de outros direitos e de outras perspectivas de vida. (SERRA, 2019, p. 3).

O êxito da formação deste ser crítico, e ao mesmo tempo inacabado, fará com que ele busque constantemente o saber, entender as situações, gerar interpretações, traçar mapas mentais de causas que levaram o mau efeito de determinada experiência de vida, fazendo-o chegar a respostas. Isto fará com que os sujeitos possam descobrir que a causa nunca se derivará da meritocracia, uma vez que ela não existe, e uma vez que não justifica o pobre continuar sendo pobre como se isto fosse uma forma de fatalidade. Deve provocar a reflexão sobre a relação entre Estado e sociedade, inclusive a ausência de investimentos na agricultura camponesa, não investindo na educação do campo, em análises de solos no campo para uma plantação de uma cultura específica etc.

Esta discussão comprova o porquê de tão desafiador é o ensino, sobretudo o de Geografia, onde informações vendadas passam a serem desvendadas na sala de aula. Quando o aluno e camponês está inserido no ambiente escolar, ele pode percorrer caminhos que o levem ainda mais a trilhar trajetórias que o permitam se desenvolver enquanto ser crítico e social, e por conseguinte, ser liberto.

Em perspectiva da Pedagogia da Autonomia, Freire (1996) diz que ato de ensinar urge como uma especificidade humana, por isso deve ser levado a sério e pautado com responsabilidade e compromisso com o ensino e o conhecimento. Tanto a docência quanto a discência devem ser vistos em sua incompletude, pois a docência exige ética e a constante busca do conhecer e se especializar no novo, e trazer esse domínio para a sala de aula e para a escola como um todo. Essas atitudes, mediante a postura do profissional da educação, são contrárias ao ensino conteudista postulado que se assenta em boa parte das políticas governamentais para o ensino de Geografia, incluindo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste sentido, podemos apenas reafirmar a complexidade que envolve todo o debate sobre a Educação do Campo e como isso implica em um desafiador horizonte de pesquisa sobre a formação docente e as práticas de ensino em escolas do e no campo. A tudo isso, deve-se salientar, soma-se a precariedade de muitas instituições educacionais rurais que por vezes não têm acesso ao mínimo necessário para seu funcionamento pleno, como água encanada ou energia elétrica. Enfim, investigar sobre a realidade das escolas na zona rural é um fazer intelectual que deve estar totalmente conectado com a prática social concreta das comunidades camponesas.

Na realidade camponesa, a educação como um ato político é marcada por muitos percalços. Essa segue sendo desafiadora não só para os estudantes, enquanto jovens ou adultos, mas como também para o professor, afinal como adotar uma metodologia, que seja trabalhada com o aluno, de forma prática, simples e que ele apreenda o assunto? Pois de nada adianta escrever ou soletrar a palavra “precariedade”, sem que o aluno saiba do que se trata. Deste modo, não será somente ensinar o sujeito a escrever e soletrar a palavra “precariedade”, ou “pobreza”, ou até mesmo fazer um poema, com o tema “água”, mesmo faltando água encanada na escola, ou na comunidade. Deve-se realizar essas atividades explicado de forma dinâmica e adaptada a realidade local, o porquê desta precariedade. O porquê que Seu José e

Dona Maria não conseguem ir à cidade todo mês fazer suas compras. O porquê da falta de merenda na escola em que eles estudam. O porquê de os pais precisarem pegar a sua água de beber, cozinhar e lavar na mesma fonte de água barrenta, que seu Elias também dá água a seu cavalo, e a sua vaca. Deve-se também explicar quem é o principal agente responsável, de certo modo, pela resolução desses problemas existentes, ou seja, relacionar a problematização dos desafios cotidianos com a busca por saídas concretas para estes através dos direitos que cada ser humano tem garantido pelo Estado brasileiro.

Por fim, essa prática pedagógica libertadora de Paulo Freire deve ser acessível, inclusive no campo, lugar historicamente esquecido, quando se trata de pequenos agricultores de subsistência, mas para isso os problemas estruturais, sociais e políticos que impedem isso devem ser combatidos. E é a Educação do Campo uma arma a altura deste combate. Assim, em comunhão e partilha, da realidade que rodeia os sujeitos, o diálogo se consolidará entre os seres, despertando a ação-reflexão, e libertará o povo, abrindo caminho para que o conhecimento tecido de autenticidade por meio da ação-reflexão, e adoçado pelo pensamento livre e crítico, chegue a todos, através da práxis experienciada, a revolução emancipadora, a partir do lugar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYO, M. G. A educação básica e o movimento social do campo. In: ARROYO, M. G.; CALDART, R. S.; MOLINA, M. C. (org.). **Por uma educação do campo**. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

ARROYO, M. G. Pedagogia do Oprimido. In: CALDART, R. S.; PEREIRA, I. B.; ALETEJANO, P.; FRIGOTTO, G. (org.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

CALDART, R. S. Educação do Campo: notas para uma análise de percurso. **Trab. Educ. Saúde**, Rio de Janeiro, v. 7 n. 1, p. 35-64, mar./jun.2009.

CALDART, R. S. A escola do campo em movimento. In: ARROYO, M. G.; CALDART, R. S.; MOLINA, M. C. (org.). **Por uma educação do campo**. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CAVALCANTI, L. O. H. **A Escola Família Agrícola do Sertão: entre os percursos sociais, trajetórias pessoais e implicações ambientais**. 2007. 267 p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MOLINA, M. C.; ANTUNES-ROCHA, M. I. Educação do Campo: história, práticas e desafios no âmbito das políticas de formação de educadores – reflexões sobre o Pronera e o Procampo. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 22, n. 2, p. 220-253, jul./dez. 2014.

PAULA, A. P. de.; BARBOSA, R. G. Contribuições de Paulo Freire na Educação do Campo: formação de professores/as e o ensino de Ciências. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 16, p. 1-17, 2021.

REIS, S. M. A. de O. Paulo Freire: 100 anos de práxis libertadora. **Práxis Educacional**, v. 17, n. 47, p. 238-258, 2021.

SERRA, E. Sobre os fundamentos e princípios da educação geográfica de jovens e adultos na perspectiva da educação popular. **Signos Geográficos**, v.1, p. 1-17, 2019.

SOUZA, M. A. de; SANTOS, F. H. T. dos. Educação do campo: prática do professor em classe multisseriada. **Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 7, n. 22, p. 211-227, set./dez. 2007.

WERLANG, J.; PEREIRA, P. B. Educação do Campo, CTS, Paulo Freire e Currículo: pesquisas, confluências e aproximações. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 27, p. 1-19, 2021.

Julio Feitoza de Oliveira

Graduando em Licenciatura em Geografia. Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão.
E-mail: julio.oliveira@delmiro.ufal.br

Leônidas de Santana Marques

Professor Adjunto. Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão. Doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo. Grupo de Estudos e Pesquisa em Análise Regional – GEPAR.
E-mail: leonidas.marques@delmiro.ufal.br